

## APRESENTAÇÃO

Ademario Ribeiro Payayá e Natalina Bomfim Ribeiro (Organizadores).

Desde tempos imemoriais que nas bandas das terras de cá, banhadas pelas águas do Atlântico, onde hoje se chama de estado da Bahia – viviam centenas de povos indígenas que em interações interculturais e rica diversidade étnica e linguística – dinamizavam seus modos de ser e produzir culturas, narrativas, cosmogonias e crenças numa Terra Sem Males ou simplesmente buscando o Bem Viver.

Na atualidade esse estado tem 27 territórios onde precisamos estar atentos e fortes para a manutenção das tradições culturais, espirituais e retomadas das terras que nos foram usurpadas – são lutas seculares, ininterruptas. Não buscamos o lucro e o que não é nosso. Não temos preço. Temos valores inestimáveis entre a Terra e os Céus!

Antes de 1500 – principalmente nesse fatídico ano – pelo mar anunciador de bem-aventuranças começam a chegar caravelas com canhões, muita pólvora e arcabuzes, cruzes e catequeses. Extermínios desde os genocídios e seguidos pelos etnocídios. O inferno materializado. Era preciso aos poucos contados sobreviver às “guerras justas” dos “homens bons”. Entre fugas, debandadas, deslocamentos, aldeamentos, violações das mulheres e outras barbáries, resistimos com o engenho e força de diversas estratégias e chegamos até aqui!

As 29 autorias indígenas presentes nesta Revista estão apresentando esse grito numa voz coletiva dos povos originários da Bahia, para o Brasil e para o mundo escutar e respeitar e quem sabe, que cada brasileiro (a) se reconheça parte desse sangue e que venha a ter orgulho dessas gentes! O Brasil é indígena e antes de ser assim chamado – Guidon e Associados já sinalizaram a presença indígena há aproximadamente 100 mil anos (Pivetta, 2014)<sup>1</sup>. Os indígenas da e na Bahia são (somos) corpos, vozes e escritas.

Entusiastas das ações da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), particularmente, no que tange ao ingresso de estudantes dos povos indígenas nos cursos de graduação e pós-graduação e na manutenção e dinâmica do Laboratório de Linguagens LEETRA, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins, em primeira instância recorremos a ela no sentido de materializar os sonhos-textos de autorias indígenas descobertos direta e indiretamente na realização da Primeira Feira Literária dos Povos Indígenas da Bahia – FLIPIB.<sup>2</sup>

Isto é, editar os textos de autoras e autores indígenas originários do estado da Bahia ou de outros estados e que estão morando, trabalhando ou estudando nesse estado ou que foram convidados por suas parentas e parentes, como por exemplo, As Wayrakunas, Edson Kayapó e Camilo Kayapó.

---

<sup>1</sup> PIVETTA, Marcos. Arqueóloga diz que o Homo sapiens já estava no Piauí há 100 mil anos. Especial genômica\_parte2.indd 73, 2014. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2014/01/073-077-niede-guidon.pdf>>. Acesso em: 06/02/2022.

<sup>2</sup>A FLIPIB foi a primeira Feira Literária dos Povos Indígenas da Bahia, projeto online, realizado pela Associação ARUANÃ através do Programa da Lei Aldir Blanc Bahia, em plena pandemia da Covid-19

A Bahia já nos deu tudo. Foi a matriz primeira do que viria a ser Brasil e gerou as primeiras sementes e frutos para a formação do que viria a ser o povo brasileiro. Em abril de 2021, no início da pandemia da Covid-19, realizávamos a Primeira Feira Literária dos Povos Indígenas da Bahia com a participação de escritoras(es), lideranças, professoras(es) e artistas indígenas de diversos povos da Bahia e do Brasil, acadêmicos de várias instituições baianas, brasileiras e latino-americanas.

Agora, em 2022, ainda imersos na maior crise sanitária do Planeta Terra e solapados que estamos por outras crises, escritoras(es) indígenas da Bahia compartilham com as escritoras(es) indígenas de outros estados que moram, estudam e trabalham na Bahia para comporem essa experiência de escreverem no coletivo da Revista Especial LEETRA Indígena – Autorias Indígenas da e na Bahia. Isto nos tem motivado na direção de ampliar nossa noção de alteridade e de respeito à diversidade em prol de um mundo cada vez mais amoroso, igualitário e equânime!

Essas(es) escritoras(es) indígenas são graduadas(os), mestras(es), doutoras(es) em diversas áreas do conhecimento e atuam como afirmavam professoras(es), artistas, advogadas(os), arquitetas(os), lavradoras(es), artesãs(os). São sujeitos de direitos e de muitas histórias, muitas lutas, muitos sonhos como podemos observar aqui em seus textos!

Começamos por Ariane ãwãnuK Pataxó. Ela originou seu texto durante sua participação na Formação de Agentes Indígenas de Leitura, da primeira FLIPB e tratou sobre os apontamentos que fazia em sua classe na Escola Indígena de sua aldeia de Corumbauzinho, no Colégio Estadual Indígena de Corumbauzinho.

Já a Ariane Tamihúá nos escreve sobre os dias de festa, do uso do maracá e das lutas por retomar a história do seu povo Pataxó e das adversidades de sobrevivência.

O Arnaldo da Silva Soares do povo Payayá apresenta um estudo sobre esse povo e aponta novas abordagens para compreendermos sua localização e aspectos linguísticos, entre outros.

Por outro lado, há outro Arnaldo entre nós. Esse é do povo Tumbalalá. Ele é encantado com seu trabalho na roça e nos estudos e gosta de escrever poesia e levar adiante a sua história e a história coletiva do seu povo.

O Cacique Juvenal Payayá é o Juvenal Teodoro da Silva, aquele que se deslocou do seu sertão da Chapada Diamantina e foi trabalhar e estudar em longes terras. No seu regresso, amiúde, como se fosse um ourives, soube trabalhar umas joias juntando memórias, forças e pessoas, que como ele se afirmavam descendentes do povo Payayá, isso em Yapira, na Cabeceira do Rio, município de Utinga. No artigo aqui publicado podemos ler essa e outras narrativas suas.

Agora vêm chegando um pai e seu filho, ou seja, Edson e Camilo Kayapó. Juntos escrevem nesse número reflexões e ensinamentos muito urgentes para compreendermos sobre os processos de invasão das terras dos povos originários, extermínios, equívocos, racismo e, especialmente sobre o pertencimento identitário étnico indígena e de que as ancestralidades são sagradas.

O Chico Payayá traz em suas memórias os seus ancestrais da região de Conceição do Coité. Um jovem que se faz forte porque acredita nessa pertença indígena e assim, trabalha, faz poesia e estuda História.

O Claudemir Kiriri escreveu sobre o cotidiano e as atividades diárias dos seus iguais na aldeia Canta Galo, situada no município de Banzaê, como também explica como seu povo está organizado em outras aldeias, localidades e seus cacicados.

A Denízia Kawany Fulkaxó descreve sobre momentos entre a criança Tunyrã e seu avô Porãsutu que nessas narrativas vai se formando e conhecendo acerca de Badzé, seus filhos Poditã e Warakdzã e sobre suas vidas nas “Sete Estrelas”, isto é, na constelação de Órion. Eles também conversam sobre a medicina e o uso das plantas, dos frutos e grãos. Sobre os segredos da caça, a preparação dos instrumentos e utensílios, sobre as artes do canto, da dança e dos rituais.

O Joel Braz é um guerreiro do povo Pataxó como ele mesmo vai se anunciar aqui em seus textos. Ele é um desses seres humanos que nascem com muita luz e com coragem atávica. Por isso, devemos conhecer suas histórias a fim de que conheçamos mais sobre o nosso tempo e geografias, ou seja, sobre o que se passou ou se passa em nosso país. Suas participações nas lutas da sua etnia e do Brasil servem bastante para sabermos como prosseguir. Poderemos ver isto na “Carta Memória” que escreveu para seu povo, lideranças, parentes e comunidades.

O Katu Tupinambá é o nome indígena que foi registrado nos cartórios dos brancos o Admilson Silva Amaral. Ele nos apresenta um histórico sobre o território onde viveram seus ancestrais e onde vive hoje e que é conhecido por Olivença. Critica a invasão europeia, o trabalho jesuítico e os livros de história.

A Maria Geovanda que sempre está motivada por sua memória, cujas reminiscências a levam para possível parentesco com os Kariri, produz um artigo que tem o poder de uma flecha ervada, inclusive com fogo. Aos que querem permanecer ignorantes pode matar e a outros que querem se libertar, serão iluminados!

A Marta de Oliveira Santos é a conhecida Marta Pataxó. Ela nos brinda com sua poesia que fala do orgulho de ser professora, de raízes, de sonhos, de educação, de respeito e de como ensinar e revolucionar.

Já o texto de Michele Kaimbé contribui sobre a arte do seu povo, apresentando traçados das pinturas corporais e sobre o engajamento jovem na comunidade. Salienta sobre os rituais e músicas, o uso das tintas para pintar os corpos e as festas da sua aldeia.

A Priscila ou Tawany Tupinambá nos presenteia com um relato de suas lutas para vencer dificuldades pessoais e do coletivo de seu povo, pelos estudos, de sua fé no ritual do Poranci e entre outros assuntos relevantes, comenta sobre o massacre do rio Cururupe que permite compreendermos sobre a “Revolta de Marcelino”. Como forma de celebrar os feitos desse ilustre Tupinambá chamado de Caboclo Marcelino e por todos os tombados no território e na luta por direitos, todos os anos eles realizam a “Caminhada ao rio Cururupe”.

A Rosilene Cruz de Araújo – Anhamona Cataá é apaixonada pelas pesquisas e estudos, tanto educacionais e históricos como ambientais e com ênfase nas origens do seu povo Tuxá. Em seu artigo, tão vertebrada como é em sua trajetória profissional, acadêmica e pelas participações em movimentos sociais, contribui sobremaneira para pesquisadoras(es) dos povos indígenas em suas múltiplas lutas, abordagens e perspectivas.

A Rosivânia Cataá Tuxá em seu artigo estabelece pontos relevantes do seu povo Tuxá quanto ao seu contexto histórico escolar indígena, cujas dimensões devem ser: bilíngue, específica, diferenciada, intercultural e comunitária, sobre bases epistemológicas de uma pedagogia indígena, sobre a qualificação da prática docente e

entre outros – sobre as histórias escritas e vividas por seus parentes e, enfim, pontos que se ligam igualmente à valorização e fortalecimento de suas tradições culturais e expressão de seus saberes.

Em parceria, Sheila e Jovânia Kantaruré, traçaram um itinerário para nos apresentar o território do seu povo, de como ele está dividido, suas aldeias, e da presença de seus antepassados e nas lutas por demarcação de suas terras com o apoio dos parentes Pankararú de Pernambuco e Pankararé de Glória na Bahia. Além desses recortes, as autoras apresentam vários grafismos, cultivo de músicas (toantes) e cestarias que conformam uma cultura e arte que fortalecem esse povo e que são muito apreciadas em sua região.

A Taís Maria Pankararé traz em sua poesia seus pés fincados na tradição do seu povo, seus rituais que são o praiá e o toré, das toantes, da força dos encantados, dos donos do lugar, das interações e aprendizagens na Formação dos Agentes Indígenas de Leitura, uma das atividades da primeira FLIPIB.

A jovem Tayná Cá Arfer Tuxá vem com a força das tradições do seu povo e com a verve de uma poesia criticizante relatar sobre seu pertencimento identitário através do apoio de sua avó que lhe contava muitas histórias. Sua aldeia, seu território vivem em seu corpo e na sua escrita saem livres como pingos da chuva para vicejar as ideias e as memórias e serem compartilhados nas rodas de conversa e em todo lugar para despertar quem por ventura ainda esteja dormindo nesses 521 anos de violações dos direitos humanos e dos direitos indígenas.

As Wayrakunas em movimento nos premiam com um texto que as definem: “As filhas da ventania”. Ele é um desdobramento do que essas sete mulheres de seis povos diferentes vão apresentar e buscar em nossa sociedade. Elas têm a força ancestral não apenas na alma, no ventre e nas sutilezas, mas como yawaretés (onças verdadeiras) suas garras podem ferir fatalmente seus opressores! Atemporais e em todas as geografias, elas querem continuar a distribuir benefícios, fazem a revolução do que é urgente decolonizar! Wayrakunas, Guê! Salve! Ave! Evoé! Awê!

Finalizando sobre essas(es) personagens da Literatura Indígena do e no Estado da Bahia que conta na atualidade com aproximadamente trinta povos, temos na capa dessa revista o cuidadoso trabalho do parente Diogo Robert de Lima que pesquisou acerca dos traços semelhantes, dessemelhantes e as geografias que compõem a nossa diversidade étnica. Esses traços não são do “índio” genérico. Ao contrário, têm um pensar fundante na especificidade e ethos de cada etnia, suas histórias, culturas e contextos.

As autorias contam, cantam a aldeia, sonhos, modos de ser, visões de mundo. A palavra é o som sagrado dos povos originários desde os tempos que já se vão para trás do horizonte. A palavra tem alma, bálsamo, água, fogo, lâmina, ensinaça!

A literatura indígena antes, durante e depois de se constituir em narrativas, poéticas do passado, do presente, do individual ou do coletivo, ela é uma escrita, sobretudo teimosa, profética, educadora. Sempre irrompeu do sonho por causa do poético, da ancestralidade. Porque a inquietude busca pelo acerto de contas com a História e pela escrita de uma Nova História em que as histórias subalternizadas tenham sua vez e lugar!

Se você já veio à Bahia ou mesmo que você não venha à Bahia, ela foi decisivamente uma mãe generosa e território fértil para o nascimento do Brasil. Ampla, aberta e dadivosa continua para abraçar os Brasis – indígenas e de não indígenas. Logo, você que nos lê, quando perguntarem: - “A Bahia ainda tem indígenas?”. Responda com a convicção de quem sabe: - “Tem sim, senhora! Tem sim, senhor!”.



Ademario Ribeiro Payayá, Indígena Payayá, doutorando e Mestre em Ciências da Educação – Universidad Interamericana (UI); Especialista em Educação Pobreza e Desigualdade Social - Universidade Federal da Bahia (UFBA); Licenciado em Pedagogia - Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Poeta, escritor, teatrólogo, diretor de teatro, membro fundador de dezenas de organizações sociais, fundador e presidente da ARUANÃ - Associação para Recursos Ambientais e Artísticos. Último livro publicado, Oré - Îandé (Nós sem vocês - Nós com vocês), escrito em Guarani, Patxohã, Kiriri, Tupi e Português.



Natalina Bomfim Ribeiro, mestranda em Educação - Universidad del Salvador (USAL); Especialista em Metodologia do Ensino Pesquisa e Extensão em Educação - Universidade Estadual da Bahia (UNEB); Especialista em Tutoria em EaD - Universidade Federal de Ouro (UFOP); Especialista em Educação Pobreza e Desigualdade Social - Universidade Federal da Bahia (UFBA); Licenciatura em Pedagogia - Faculdades Integradas Olga Mettig (FEBA). Experiência em formação de professores. Atualmente, Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino do Município de Salvador (SMED), na liderança pedagógica da Gerência Regional de Itapuã (GRE).



Diogo Robert de Lima. Artista formado em Artes Visuais pela FAAL (Faculdade de Artes e Administração de Limeira). Atua como ilustrador autônomo e professor de desenho/pintura através de projetos sociais na cidade de Leme- SP.